

Kallen Dettmann Wandekoken<sup>1</sup>

Marluce Miguel de Siqueira<sup>2</sup>

### The family relations as risk or protective factor for the use of illicit drug

## | A relação familiar como fator de risco ou proteção para uso de drogas ilícitas

**ABSTRACT** | *Objective: the research aimed to identify aspects of family relationships as a risk factor or protection for the use of illicit drugs. Methodology: systematic review was conducted by means of the descriptors: illicit drugs, family relationship and family of articles published in the years 2000 to 2010, using the virtual library of sources through MEDLINE, LILACS, SCIELO and ADOLEC. Results: the results were divided into two categories: risk factors and protective factors. It was noted the need for appreciation and recognition of the importance of family structure in shaping the individual. Conclusions: approaches are needed to consider when thinking about family influence on preventive measures related to illicit drug use in the formulation of health policies and in promoting a healthy lifestyle.*

**Keywords** | *Street drugs; Family relations; Risk factors.*

**RESUMO** | *Objetivo: A pesquisa buscou identificar aspectos da relação familiar como fator de risco ou proteção para o uso de drogas ilícitas. Metodologia: Foi realizada revisão sistematizada, por meio dos descritores *drogas ilícitas, relação familiar e família*, de artigos publicados nos anos de 2000 a 2010, utilizando a biblioteca virtual por meio das fontes *Medline, Lilacs, Scielo e Adolec*. Resultados: os resultados foram divididos em duas categorias: fatores de risco e fatores de proteção. Constatou-se a necessidade de valorização e reconhecimento da importância da estrutura familiar na formação do indivíduo. Conclusão: São necessárias abordagens que considerem a influência familiar, ao se pensar em ações de prevenção relacionadas com o uso de drogas ilícitas, na formulação de políticas de saúde e na promoção de qualidade de vida.*

**Palavras-chave** | *Drogas ilícitas; Relação familiar; Fatores de risco.*

<sup>1</sup>Enfermeira; mestranda em Saúde Coletiva; membro da Equipe Técnica do Centro de Pesquisas e Estudos sobre Álcool e Drogas (CEPAD), Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup>Professora associada III do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva; coordenadora de Pesquisa do CEPAD-CCS-UFES.

## INTRODUÇÃO |

A adolescência constitui um período crítico para o início do uso de drogas ilícitas, como experimentação, consumo ocasional, indevido ou abusivo, pois se trata de uma época de exposição e vulnerabilidade física, psicológica e social<sup>4</sup>.

Esse fato é apontado por diversas pesquisas que estão sendo realizadas com populações específicas, como estudantes de ensino médio e fundamental. Destaca-se o último levantamento realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (Cebrid)<sup>7</sup> nas 27 capitais brasileiras, em 2004, verificando que o uso de cocaína entre os estudantes de até 18 anos foi de 2,0%. Na região Norte, atingiu 2,9% e, no Sudeste, 2,3%. O uso de *crack* nessa população foi de 0,7%.

É necessário ainda mencionar um levantamento nacional<sup>1</sup> que entrevistou 50.740 alunos de 673 escolas, públicas e privadas do ensino fundamental e médio de 14 capitais brasileiras: Belém, Brasília, Cuiabá, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória, em 2001. Nesse levantamento, verificou-se que o consumo de cocaína foi de 1,0%, o de *crack* e o de merla foi de 0,5% e as drogas injetáveis tiveram um valor de 0,3%, sendo mais prevalentes entre os meninos. Constatou-se que o uso aumenta com o avançar da idade em ambos os sexos.

Entretanto, estudos de natureza epidemiológica que são realizados em escolas têm como viés a obtenção de dados apenas dos alunos que estão matriculados e que estavam presentes na sala de aula no dia da coleta. O fato é que, pelas características peculiares, o *crack* não é uma droga que permita a convivência em ambiente de ensino e por isso os resultados obtidos provavelmente estão subestimados<sup>12</sup>.

Corroborando essas ideias, é interessante destacar o V Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras, realizado também pelo Cebrid<sup>20</sup>, em 2002. Nesse estudo, entre vários resultados importantes, destaca-se que o uso frequente de *crack* foi mencionado na maioria das capitais, com maior índice de uso recente em São Paulo, Recife, Curitiba e Vitória, variando entre 15 e 26,0%, índices maiores do que os encontrados nos levantamentos com estudantes, já mencionados. Nessa população específica, o uso de *crack* se iniciou no final da década de 80, nos Estados das Regiões Sul e Sudeste, com uma tendência de aumento progressivo, como indicam os levantamentos realizados pelo Cebrid<sup>20</sup>.

Assim, diante dos dados epidemiológicos preocupantes,

é necessário entender os fatores de risco e os fatores de proteção relacionados com o uso de drogas ilícitas.

Nesse sentido, a disfunção familiar é um dos vários fatores de risco para o uso e abuso de substâncias psicoativas e distúrbios comportamentais e sociais relacionados entre adolescentes e jovens adultos<sup>22</sup>. Em uma pesquisa, constatou-se que jovens de famílias que passam por momentos de transição nas relações interpessoais experimentam dificuldades psicológicas temporárias que podem estar associadas ao uso aumentado de drogas<sup>29</sup>.

A família, então, é responsável tanto pela manutenção das necessidades básicas de seus membros, como também pela socialização deles e pela transmissão de normas culturais. Assim, representa uma instância mediadora entre o indivíduo e a sociedade, operando como um espaço de produção e transmissão de práticas culturais<sup>5</sup>.

Dessa forma, é a principal “agência socializadora” do indivíduo, pois, além do papel de educar, também tem a função de orientá-lo para que desenvolva de forma plena suas potencialidades com convívio social adequado e gratificante para todos<sup>17</sup>.

Mais especificamente os pais (ou aqueles que estão imbuídos dessa tarefa) seriam “agentes de socialização”, podendo direcionar o comportamento dos filhos a fim de induzir a atitudes que garantam a independência, autonomia e responsabilidade, além de procurar diminuir os comportamentos que julgam ser indesejáveis<sup>8</sup>.

O fato é que a forma como os pais educam seus filhos está intimamente ligada à aquisição de comportamentos adequados, da mesma forma que as famílias, por meio de práticas inapropriadas, como pouco envolvimento com os filhos, pouca supervisão e monitoria, punição, diálogos aversivos, entre outros, podem estimular comportamentos considerados inadequados<sup>10</sup>.

Nesse sentido, a adversidade familiar, principalmente se ocorrer na primeira infância, pode preceder o aparecimento do consumo de substâncias psicoativas e a associação a colegas na mesma situação na adolescência<sup>21</sup>.

Diante do exposto, apresentamos o seguinte problema de pesquisa: existem fatores descritos que envolvem o relacionamento familiar que podem conferir risco ou proteção para o uso de drogas? Para tanto, este estudo visou a levantar conteúdos de pesquisas que abordam o tema relação familiar e uso de drogas ilícitas, buscando identificar os aspectos da relação familiar como fator de risco e/ou de proteção ao uso de drogas ilícitas.

## MATERIAL E MÉTODOS |

A revisão sistematizada de literatura ocorreu a partir de uma pesquisa em março e abril de 2011, utilizando a biblioteca virtual por meio das fontes *Medline*, *Lilacs*, *SciELO* e *Adolec*. A seleção dos descritores utilizados no processo de revisão foi efetuada mediante consulta ao Descritores de Assunto em Ciências da Saúde (DECs) da Bireme. Nas buscas, os seguintes descritores, em língua portuguesa e inglesa, foram considerados: drogas ilícitas, relação familiar e família.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos que abordavam o tema relação familiar como fator de risco ou proteção para o uso de drogas ilícitas, publicados entre janeiro de 2000 e dezembro de 2010, nos idiomas: inglês, português e espanhol. Os critérios de exclusão foram estudos com temática diferente da proposta e que não atendessem aos critérios de inclusão sugeridos. Optou-se por excluir teses, dissertações e monografias.

Na primeira etapa, ao realizar a busca e leitura dos títulos, foram encontrados 609 artigos. Na segunda etapa, a intenção foi identificar trabalhos que abordassem o tema em questão, observando se eles preenchiam os critérios descritos acima. Para tanto, foi realizada a leitura dos resumos e selecionados, a princípio, 25 artigos. Posteriormente, os artigos que pareciam se adequar aos critérios de inclusão foram lidos na íntegra por dois pesquisadores. Em seguida, realizou-se a análise e distribuição das obras por área temática.

Utilizando os critérios de inclusão e exclusão, chegou-se à seleção de 18 artigos, pois a maioria dos artigos apresentados na busca não atendia ao objeto de estudo e foram excluídos. Caso houvesse discordância entre os avaliadores sobre os

critérios analisados, era realizada uma discussão específica sobre o artigo em questão, até um consenso final, com base nos critérios adotados neste estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO |

Os resultados foram apresentados considerando as principais categorias apontadas nos estudos analisados durante a revisão sistemática. No Quadro 1, são apresentadas informações gerais sobre os 18 estudos incluídos.

Os 18 estudos do levantamento final foram distribuídos segundo o ano da publicação, da seguinte forma: um em 2000<sup>6</sup>, um em 2001<sup>18</sup>, três em 2002<sup>26,11,15</sup>, um em 2003<sup>14</sup>, nenhuma em 2004, três em 2005<sup>27,28,30</sup>, um em 2006<sup>23</sup>, um em 2007<sup>3</sup>, um em 2008<sup>19</sup>, três em 2009<sup>9,24,13</sup>, três em 2010<sup>2,25,16</sup>.

O país que mais desenvolveu estudos na área temática descrita foi o Brasil<sup>15,27,30,23,13</sup> em, respectivamente, Brasília, São Paulo, Rio Grande do Sul, Natal, Rio de Janeiro e Paraná. Quanto ao idioma, a maioria dos artigos (oito) foram publicados em português<sup>15,27,28,30,23,3,13,20</sup>, três artigos foram publicados em inglês<sup>6,11,7</sup>, sete em espanhol<sup>(14,15,16,24,25,26,30)</sup>. Em relação ao tamanho da amostra, houve grande variação, desde 19 participantes<sup>25</sup> até 2.396<sup>6</sup> adolescentes e/ou crianças, e ainda realizou-se um estudo que teve como amostra 11 famílias<sup>2</sup> e outro com 256 famílias<sup>16</sup>. Foram adicionados na revisão dois artigos teóricos de importância na temática<sup>28,23</sup>.

Os principais resultados dos artigos serão apresentados em duas categorias com temáticas em comum: fatores de risco e fatores de proteção, conforme o Quadro 1.

*Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão: obras coletadas nas fontes virtuais Medline, Lilacs, SciELO e Adolec, publicadas entre janeiro de 2000 e dezembro de 2010, coletadas no ano de 2011 (continua)*

Primeiro autor	Ano	Periódico	Amostra	Local	Idioma	Principais resultados*: Risco e/ou proteção
Charlie B.	2000	Eur. J. Epidemiol.	2396 adolescentes	França	Inglês	Risco: ambiente familiar chato; não viver com ambos os pais. Proteção: a mãe ser dona de casa

*Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão: obras coletadas nas fontes virtuais MEDLINE, LILACS, SCIELO e ADOLEC, publicadas entre janeiro de 2000 e dezembro de 2010, coletadas no ano de 2011 (continua)*

Primeiro autor	Ano	Periódico	Amostra	Local	Idioma	Principais resultados*: Risco e/ou proteção
Munoz-Rivas M.	2001	Psicothema	1570 adolescentes	Madrid	Espanhol	Risco: conflitos familiares, consumo de tranquilizantes pela mãe, e de álcool pelo pai Proteção: relação positiva familiar e vínculos estreitos
Sánchez-Huesca R.	2002	Adicciones	40 usuários e 40 não usuários	Espanha	Espanhol	Risco: combinação de variáveis: violência doméstica, abuso sexual, dificuldade escolar e abuso de álcool ou drogas por um ou ambos os pais
Guol J.	2002	J. Am. Acad. Child. Adolesc. Psychiatry	808 crianças com 10 anos foram seguidas até os 21	Washington - EUA	Inglês	Risco: conflitos familiares, baixo vínculo familiar
Martins F.	2002	Rev. Psicol.	86 participantes > de 15 anos	Brasília - BR	Português	Risco: desestruturação dos pais; separações, pais usuários de drogas, violência familiar; falta de atenção e diálogo Proteção: harmonia familiar, atenção e diálogo
Martínez-Ivares JL.	2003	Psicothema	1347 alunos de 16-19 anos	Espanha	Espanhol	Proteção: afeto, suporte e monitoramento, controle parental
Sanchez ZVDM.	2005	Rev. Saúde Pública	62 jovens de 16-14 anos de classe baixa	São Paulo - BR	Português	Proteção: estrutura familiar protetora, laços afetivos entre pais e filhos, cumplicidade e respeito
Schenker M.	2005	Cienc. Saúde Coletiva	Artigo teórico	Rio de Janeiro -BR	Português	Proteção: família cuidadora, afetiva, amorosa e comunicativa
Zacharias DG.	2005	Barbarói	Famílias (intervenção familiar)	Rio Grande do Sul - BR	Português	Risco: comunicação familiar conflituosa, dificuldade em estabelecer limites aos filhos

*Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão: obras coletadas nas fontes virtuais MEDLINE, LILACS, SCIELO e ADOLEC, publicadas entre janeiro de 2000 e dezembro de 2010, coletadas no ano de 2011 (continua)*

Primeiro autor	Ano	Periódico	Amostra	Local	Idioma	Principais resultados*: Risco e/ou proteção
Pratta EMM.	2006	Estud. Psicol.	Artigo teórico	Natal - BR	Português	Proteção: qualidade da vida familiar, papel dos pais na formação dos filhos, relações familiares
Broecker CZ.	2007	Psico. USF.	48 jovens de 14-19 a (dependentes e não dependentes)	Rio Grande do Sul - BR	Português	Risco: pais autoritários e/ou ausentes, evitação da relação Proteção: expressão do afeto, apoio e compreensão
Negrete BD.	2008	Rev. Panam. Salud Publica	516 estudantes do ensino médio	México	Espanhol	Risco: conflitos familiares, violência e abuso de álcool em casa. Indiretamente por relações familiares disfuncionais
Granados Hernández M.	2009	Rev. Lat. Am. Enferm.	100 pessoas > de 18 a	Costa Rica	Espanhol	Risco: rejeição pela família, não se sentir amado, falta de comunicação, conflitos e violência familiar
Rodriguez RJO.	2009	Rev. Lat. Am. Enferm.	100 pessoas > de 18 a	Equador	Espanhol	Proteção: expressar suas emoções, dedicar tempo à família e relação de apoio com um dos pais
Loyla CMD.	2009	Rev. Lat. Am. Enferm	108 pessoas > de 18 a	Rio de Janeiro - BR	Português	Risco: negligência familiar. Proteção: apoio dos pais
Bernardy CCF.	2010	Rev. Esc. Enferm. USP.	11 famílias de adolescentes de 12 - 18 a	Paraná-BR	Português	Risco: sinais de negligência e abandono, agressão física, falta de diálogo familiar e uso de drogas na família
Ronel N.	2010	Int. J. Offender Ther. Comp. Criminol.	19 adolescentes	Israel	Inglês	Percepções dos participantes de si mesmo ou de seus pais: risco ou proteção

Quadro 1 – Artigos incluídos na revisão: obras coletadas nas fontes virtuais MEDLINE, LILACS, SCIELO e ADOLEC, publicadas entre janeiro de 2000 e dezembro de 2010, coletadas no ano de 2011 (conclusão)

Primeiro autor	Ano	Periódico	Amostra	Local	Idioma	Principais resultados*: Risco e/ou proteção
Medina Arias N.	2010	Rev. Lat. Am. Enferm.	256 famílias	Colômbia	Espanhol	Proteção: afeto familiar, boa comunicação, adequada flexibilidade na criação e existência de normas

A princípio, então, nesta seção, será enfatizada a primeira categoria. Assim, uma pesquisa<sup>2</sup> realizada com jovens institucionalizados e seus responsáveis constatou que fatores como sinais de negligência e abandono, agressão física e falta de diálogo familiar e, principalmente, a cultura do uso de drogas no ambiente familiar determinaram a iniciação ao uso de drogas de abuso.

Assim, corroborando essas ideias, vários estudos<sup>18,26,15,14,19,2</sup> mencionaram a questão do uso de *crack*, álcool e outras drogas por um ou por ambos os pais. Um deles<sup>18</sup> cita, de forma mais específica, o uso de tranquilizantes pela mãe como fator de risco ao uso de drogas pelos filhos.

Do mesmo modo, em outros estudos<sup>9</sup> sobre os fatores de risco relacionados com a família, que contribuem para o uso de drogas ilícitas, está a rejeição pela família, o fato de o filho se sentir malquerido, a falta de comunicação, além de conflitos e violência familiar<sup>11,15,30,19</sup>.

E, ainda, há pesquisas que apontam aspectos associados às atitudes dos pais na educação dos filhos como fatores de risco. Dentre estes, um estudo<sup>23</sup> menciona o fato de os pais serem autoritários e/ou ausentes, e outro<sup>30</sup> cita a dificuldade de os pais estabelecerem limites aos filhos.

Este último estudo<sup>30</sup> faz parte do projeto da Universidade de Santa Cruz do Sul, objetivando identificar os aspectos dinâmicos das famílias de adolescentes que se envolvem com as drogas. Foram realizadas (no Curso de Psicologia) atendimentos de terapia familiar. Para tanto, verificou-se que a maioria das famílias que possuem um filho nessas condições apresenta “fronteiras difusas e emaranhadas” e ainda comunicação conflituosa, podendo resultar em dificuldade dos pais para estabelecer limites a seus filhos, o que contribui como fator de risco.

É interessante destacar ainda pesquisa<sup>15</sup> realizada em 2002, em Brasília, com 86 entrevistados, a fim de entender as representações sociais a respeito dessa temática. Observou-

se que, para a maioria, a influência familiar pode favorecer o uso de droga. Apontam questões como ser sozinho, sem família, convivência familiar ruim, falta de apoio e desajustes familiares.

Apesar de essas considerações acima tenderem a culpabilizar a família quanto a essas questões, os autores<sup>15</sup> afirmam a valorização e o reconhecimento da importância da estrutura familiar na formação do indivíduo.

Na análise desta pesquisa, estudo multicêntrico realizado no México, com estudantes que tinham usado drogas ilícitas e outros que não tinham consumido, também deve ser considerado. Constatou-se que o uso pode ser explicado por uma relação entre fatores interpessoais (exposição a condições de conflito familiar, violência, falta de apoio afetivo e uso de álcool e substâncias ilícitas pelos familiares), além de uma grande influência de fatores individuais (transtornos afetivos, tendência à agressividade, entre outros) e psicossociais (distúrbios socioafetivos, dificuldades de integração social)<sup>19</sup>.

Assim, de forma diferente dos demais estudos desta análise, afirma que a intensidade desses demais fatores parece ser determinada pelos membros de uma família disfuncional, problemática e distante, de forma que famílias disfuncionais teriam um efeito indireto mediado sobre abuso de substâncias e problemas de comportamento, podendo influenciar o aparecimento dos sintomas de desconforto psicoemocional, competências sociais e de comunicação pouco desenvolvidas<sup>19</sup>.

Aponta ainda que as diferenças entre os alunos em relação ao uso de drogas foram observadas melhor em mulheres, pois nestas há uma relação mais clara dos fatores interpessoais (especificamente, a disfunção familiar) do que no sexo masculino<sup>19</sup>.

Outro estudo<sup>26</sup> comparou um grupo de 40 sujeitos classificados como dependentes de substâncias, de acordo

com os critérios do DSM-IV, e 40 indivíduos não usuários de substâncias, considerando as variáveis: violência doméstica, abuso sexual, dificuldades escolares em nível básico e abuso de álcool ou drogas ilícitas por um ou ambos os pais ou irmãos mais velhos. Neste, observou-se que, no grupo de indivíduos dependentes, havia a presença de dois ou três dos critérios, sendo mais provável, segundo os autores, que a predisposição para o uso de drogas ilícitas esteja relacionada com uma combinação de várias variáveis.

Outro estudo interessante foi realizado com 19 adolescentes que tiveram pais usuários de drogas (em recuperação ou não). Para análise, os autores dividiram os participantes em dois grupos: os que fizeram uso de drogas e aqueles que nunca usaram. Verificou-se que a força relativa dos adolescentes dentro da tríade de forças (mãe, pai, eu) teve grande importância para a tomada de decisões, ou seja, as percepções dos participantes sobre si mesmos e/ou em relação aos seus pais podem contribuir como fatores de risco ou de proteção<sup>7</sup>.

Assim, como proposto pelo artigo teórico que fez parte desta análise, a problemática vai além do contexto familiar, apesar de esta ser, como os autores afirmam, “[...] a célula mater responsável pela socialização dos indivíduos”<sup>5</sup>. Isso porque o indivíduo está inserido em uma rede de relações e, dessa forma, vive em um contexto sociocultural e histórico.

Mas esses autores<sup>5</sup> apontam, de forma conclusiva, que a família tem um papel fundamental nessa temática. Quando demonstra ser cuidadora, afetiva, amorosa e comunicativa, pode contribuir mais possivelmente para o desenvolvimento saudável dos filhos. Nesse mesmo sentido, uma pesquisa realizada com 2.396 adolescentes conclui que o fato de o adolescente viver com apenas um dos pais pode ser um fator que favoreça o uso de drogas, ao passo que o fato de a mãe ser dona de casa foi considerado um fator importante.

Assim, conforme os estudos citados, constata-se que a presença, principalmente afetiva dos pais, no período de infância e início da adolescência, é fundamental para contribuir para a prevenção ao uso de drogas ilícitas.

Como se vê, são vários os fatores de risco relacionados com o uso de drogas ilícitas que estão diretamente implicados na relação familiar. Para tanto, a análise, nesta pesquisa, deve ser continuada a partir da exposição da segunda categoria: os *fatores de proteção*.

Entre as pesquisas que foram analisadas, uma se diferenciou devido à sua abordagem metodológica e à coleta de dados. Foram considerados sujeitos da pesquisa qualitativa jovens (16-24 anos) de baixo poder aquisitivo,

mas que nunca experimentaram ou fizeram uso de drogas, no sentido de identificar que fatores contribuíram para tal fato<sup>27</sup>. Constatou-se, então, que a informação completa sobre as consequências do uso de drogas e os laços afetivos entre pais e filhos, garantidos por sentimentos como a cumplicidade e o respeito, parecem ser importantes para a negação de consumo da droga.

Em outra pesquisa<sup>11</sup>, observou-se que o efeito da ligação da família em relação aos filhos começou a declinar após os 18 anos, enquanto o efeito das atividades antissociais de pares antissociais começou a aumentar depois de 15 anos. Mas os autores consideram também que os pais devem criar ambiente acolhedor familiar e de apoio com supervisão e controle adequados, principalmente até a infância e a adolescência.

Em um estudo realizado na Colômbia, foram encontrados fatores protetores como demonstrações de afeto com os filhos, brincar e falar do que gostam. A fácil comunicação, tomada de decisões pelo casal, adequada flexibilidade na criação e existência de normas também são fatores importantes. Nesse estudo, uma alta taxa das famílias que foram entrevistadas acredita que os pais, principalmente, devem realizar a prevenção a partir dos primeiros anos de vida dos filhos. Isso corrobora o estudo<sup>11</sup> apresentado anteriormente<sup>16</sup>.

Do mesmo modo, um estudo realizado com 1.347 alunos de ensino secundário indica a importância de aspectos como afeto, suporte e monitoramento, além de controle parental como fatores de proteção ao uso de drogas na adolescência. E ainda outros estudos<sup>28,3</sup> mencionam que o fato de a família ser cuidadora, afetiva, amorosa e comunicativa e demonstrar compreensão também contribui para prevenir o envolvimento do jovem com o uso de drogas ilícitas<sup>14</sup>.

É interessante destacar também estudo realizado com 100 indivíduos, em um centro de saúde localizado em Guayaquil (Equador), que procurou determinar as perspectivas de familiares sobre fatores protetores ao uso de drogas ilícitas<sup>24</sup>. Neste, entre tantos fatores, destaca-se (devido ao objetivo da análise desta pesquisa) o fato de o indivíduo poder expressar suas emoções, dedicar tempo à família e relação de apoio com um dos pais, também apontado em outra pesquisa<sup>13</sup>.

Do mesmo modo, o segundo artigo teórico<sup>23</sup> que foi adicionado nesta análise menciona que a qualidade da vida familiar, o papel dos pais na formação dos filhos e as relações familiares influenciam o uso de drogas ilícitas pelos filhos, podendo funcionar como antídoto natural.

## CONCLUSÃO |

Os resultados apontam a necessidade de valorização e reconhecimento da importância da estrutura familiar na formação do indivíduo, portanto são necessárias abordagens que considerem a influência familiar ao se pensar em ações de prevenção relacionadas com o uso de drogas ilícitas, uma vez que esta análise nos mostrou que o modo de interação e funcionamento familiar pode influenciar num possível envolvimento com drogas.

Nesse sentido, diante do problema de pesquisa proposto, entre os fatores de proteção destacados na revisão, encontram-se a relação positiva familiar, vínculos estreitos, a atenção e o diálogo. Entre fatores de risco, estão os conflitos familiares, uso de drogas por um ou ambos os pais, violência familiar e falta de atenção e diálogo.

É preciso considerar também que há possibilidades de escalada do uso de drogas lícitas para o uso de drogas ilícitas, de forma que a família, bem como o relacionamento por meio da comunicação aberta propiciam a diminuição do risco à exposição a substâncias psicoativas.

Dessa forma, o entendimento dessas questões poderá contribuir para formulações de políticas de saúde, promoção de uma vida saudável e ações de prevenção ao uso indevido de drogas ilícitas.

É importante, também, que sejam realizadas pesquisas que busquem entender a motivação de jovens que nunca experimentaram o uso de substância psicoativas, mesmo quando submetidos à constante oferta, a fim de clarear as questões protetoras e indicar as melhores abordagens de prevenção.

A revisão apontou ainda a necessidade de pesquisas com foco nas variáveis familiares envolvidas na iniciação do uso de drogas ilícitas, a fim de que sejam desenvolvidas abordagens de prevenção mais coerentes com a realidade dos jovens, de forma que as famílias também sejam envolvidas nesse processo.

## REFERÊNCIAS |

- 1 - Abramovay M, Castro MG. Drogas nas escolas: versão resumida. Brasília: Unesco; 2005.
- 2 - Bernardy CCF, Oliveira MLF. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. Rev Enferm USP 2010; 44(1): 11-7.
- 3 - Broecker, CZ, Jou GI. Práticas educativas parentais:

a percepção de adolescentes com e sem dependência química. Psico USF 2007; 12(2): 269-79.

4 - Bucher R. Drogas e drogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.

5 - Carvalho IMM, Almeida PH. Família e proteção social. Perspec 2003; 17(2): 109-22.

6 - Challier B, Chau N, Predine R, Choquet M, Legras B. Associations of family environment and individual factors with tobacco, alcohol, and illicit drug use in adolescents. Eur Epidemiol 2000; 16(1): 33-42.

7 - Galduróz JCF et al. V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras - 2004. São Paulo: Senad/Cebrid; 2004.

8 - Gomide PIC. Estilos parentais e comportamento anti-social. In: Del Prette A, Del Prette Z. (Org.). Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea; 2003.

9 - Granados Hernández M, Brands B, Adlaf E, Giesbrecht N, Simich L, Wright MGM. Perspectiva crítica de la familia y de personas cercanas sobre factores de riesgo familiares y comunitarios en el uso de drogas ilícitas en San José, Costa Rica. Rev Lat Am Enfermagem 2009; 17(spe): 770-5.

10 - Granetto WE. Práticas educativas parentais em dependentes químicos. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2008.

11 - Guo J, Hill KG, Hawkins JD, Catalano RF, Abbott RD. A developmental analysis of sociodemographic, family, and peer effects on adolescent illicit drug initiation. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry 2002; 41(7): 838-45.

12 - Kessler F, Pechansky F. Uma visão psiquiátrica sobre o fenômeno do *crack* na atualidade. Rev Psiquiatr Rio Gd Sul 2008; 30(2):1-3.

13 - Loyola CMD, Brands B, Adlaf E, Giesbrecht N, Simich L, Wright MGM. El uso de las drogas ilícitas: perspectiva de familias y familiares en la Zona Central de Rio de Janeiro, Brazil. Rev Lat Am Enfermagem 2009; 17(spe): 817-23.

14 - Martínez -lvarez JL, Martín AF, Vergeles MR, Martín AH. Consumo de drogas en la adolescencia: importancia del afecto y la supervisión parental. Psicothema; 2003; 15(2): 161-6.

15 - Martins F, Santos LE, Percilio D. Representação social

da droga em Brasília II o momento sociocultural. *Rev Psicol* 2002; 20(1): 19-27.

16 - Medina Arias N, Ferriani MGC. Fatores protetores das famílias para prevenir o consumo de drogas em um município da Colômbia. *Rev Lat Am Enfermagem* 2010; 18(spe): 504-12.

17 - Mielnik I. Mãe, pai e filhos: encontros e desencontros. São Paulo: Hucitec; 1999.

18 - Muñoz-Rivas M, Graña Gómez JL. Factores familiares de riesgo y de protección para el consumo de drogas en adolescentes. *Psicothema* 2001; 13(1): 87-94.

19 - Negrete BD, García-Aurrecochea R. Factores psicosociales de riesgo de consumo de drogas ilícitas en una muestra de estudiantes mexicanos de educación media. *Rev Panam Salud Publica* 2008; 24(4): 223-32.

20 - Noto AR et al. Levantamento Nacional sobre uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras—2003. São Paulo: Senad/Cebrid; 2003.

21 - Nurco DN et al. Differential contributions of family and peer factors to the etiology of narcotic addiction. *Drug Alcohol Depend* 1999; 51: 229-37.

22 - Pearson G. Substance abuse and the family. *Current Opinion Psychiatry* 2000; 13(3): 305-8.

23 - Pratta EMM, Santos MA. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. *Estud Psicol* 2006; 11(3): 315-22.

24 - Rodriguez RJO, Brands B, Adlaf E, Gierbrecht N, Simich L, Wright MGM. Factores de protección relacionado al uso de drogas ilícitas: perspectiva crítica de familiares y personas cercanas a los usuarios de drogas, en la Ciudad de Guayaquil, Ecuador. *Rev Lat Am Enfermagem* 2009; 17(spe): 831-7.

25 - Ronel N, Haimoff-Ayali R. Risk and resilience: the family experience of adolescents with an addicted parent. *Int J Offender Ther Comp Criminol* 2010; 54(3): 448-72.

26 - Sánchez-Huesca R, Guisa V, Ortiz RLG. Detección temprana de factores de riesgo para el consumo de sustancias ilícitas. *Salud Mental* 2002; 25:46-51.

28 - Sanchez ZVDM, Oliveira LG, Nappo SA. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Rev Saúde Pública* 2005; 39(4): 599-605.

29 - Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciênc Saúde Coletiva* 2005; 10(3): 707-17.

30 - Steinberg L. Adolescent transitions and alcohol and other drug use prevention. In: U. S. Department of Health and Human Services. Office of Substance Abuse Prevention. Preventing adolescent drug use: from theory to practice. Washington (DC); 1991.

31 - Zacharias DG. A dinâmica familiar do adolescente usuário de drogas: um mundo a construir. *Barbarói* 2005; (22/23): 245-57.

*Correspondência para / Reprint request to:*

**Kallen Dettmann Wandekoken**

*Avenida Marechal Campos, n.º 1468*

*Maruípe - Vitória - Espírito Santo*

*CEP: 29040-090*

*e-mail: kallendm@gmail.com*